

Baptista-Bastos - ou a memória como sentimento

Sabemos como desde *O Secreto Adeus* (1963), Baptista-Bastos tem procurado testemunhar as razões da asfixia cultural e social vivida nos anos 60 (quando o fascismo salazarista pôde reforçar as suas amarras no advento da guerra colonial), nesse desejo tão coerente de *"transformar a solidão em revolta"* e ser isso um belo pretexto para um escritor tantas vezes pretender reconstruir a sua moral *"a partir de pequenas afirmações quotidianas de protesto, honradez e incomodidade"*. E é assim que toda a prosa de ficção de Baptista-Bastos se deve entender como denúncia de um tempo asfixiante, surdo e tão mentiroso, por entre o conhecimento de mentalidades rasteiras e mediócras, num modo de deixar-andar por não ser possível outra forma de convivência que não fosse falar à boca calada, ao luar das esquinas ou às mesas dos cafés, na atenção de olhares suspeitos e conversas cruzadas de muitas outras intenções, por entre boatos e sonhos de depressa desmentidos, angústias, prisões e mortes um pouco por toda a parte no Portugal salazarista e marcelista que o autor de *Cão Velho Entre Flores* sempre recupera nas páginas dos seus breves romances.

Por isso, não se descobrem nas suas páginas narrativas quaisquer personagens de que o leitor depois se lembre, porque o que sempre orienta o discurso ficcional de Baptista-Bastos é esse apelo à memória como sentimento do tempo vivido por entre aventuras e histórias de que se torna no principal narrador ou esse mesmo se joga num processo narrativo e confessional que recorre à memória como forma de reconstituir um tempo presente e passado, mas recuperado através das sombras e fantasmas que marcaram o seu próprio trajecto em quase setenta anos de vida. Assim, nas elegias, alegorias ou parábolas de que se justifica esse cosmos do autor de **A Colina de Cristal**, o que mais sobressai é ainda o sentido pessoal de saber evocar as mesmas gentes e os mesmos lugares por caminhos visíveis e recuperados sob outras perspectivas ou sentimentos, mas sempre num processo literário único e individualizado de a **escrita** ser a sua possível salvação, mesmo na repetida atitude de fixar a realidade nos limites do sonho e da certeza, da ilusão e de alguma não escondida inocência por esses lugares de espanto e de denúncia.

Assim, uma vez mais este romance-narrativa, intitulado **No Interior da Tua Ausência**, que parece dizer desde logo o mais essencial, o que de novo se depara ao olhar atento do leitor, nos fios da memória e no tom tão coloquial e de sobreposição como se articula toda a história ficcional, é ainda essa mesma lembrada amargura (amores feitos e desfeitos, caladas humilhações ou desgostos, no meio de uma vida cinzenta, pesada e difícil como era a dos tempos desse Portugal salazarista que a cada passo se evoca) com que Baptista-Bastos assume uma vez mais essa razão e força de não saber *"fazer batota com as palavras"* e sempre desejar *"escrever coisas que as pessoas compreendam, mesmo se aquilo que escrevo possa parecer codificado, exactamente porque é minucioso"*.

Mas, nesta repetida forma de descer aos infernos da memória pelos mesmos rios e lugares de outrora, uma e outra vez o Autor faz entender a literatura ou a prosa de ficção como a atitude de verdade em que todas as tensões e ilusões se combinam nos passos dados e andados, mesmo na evocação de quem se encontrou nesse caminho de tantos anos (Aquilino, Carlos de Oliveira, Fernando Namora, Manuel da Fonseca e outros). E, quase no termo desse percurso revivido ou reinventado, ainda desabafar: *"Não me reconheço nesta casa, neste país. Tenho medo. Não é de morrer, é de envelhecer. A velhice é muito mais chata do que a morte. Porque a morte é assim, não se sabe como."* Ou, ao reconhecer-se como um *"homem sem terra e sem sítio"*, procurar resolver os problemas do livro que escreve (este ou outros que não-de chegar), na plena consciência ou sentido desencanto de proclamar ser *"um homem que não viveu o que desejava viver, invento tudo, recupero memórias que me não pertencem, memórias dos outros, de outra gente, de gente que me não pertence, gente muito velha e morta"*.

Mas neste acto de se assumir em consciência pessoal, numa espécie de ajuste de contas consigo mesmo e com os outros que andaram ou se cruzaram no seu caminho, Baptista-Bastos declara uma vez mais, no entusiasmo da escrita e na sinceridade narrativa que nunca deixa de lado, que *"o que lhe fazia falta era aquele tempo, tempo de amigos. O que faz falta aos homens é o tempo em que viveram um determinado tempo, onde os amigos definem e marcam esse tempo?"*. E por isso é do tempo que sempre se fala, desse tempo *"em que a memória cresce?"*, e os amigos ou os homens que foram companheiros de aventura se arvoram ainda como sombras ou marcos que ficaram para esclarecer ou evocar esse tempo e espaço de cobardias e esperanças, de tantos actos de amor e de ódio. Enfim, uma profunda ausência lembrada por dentro, na intimidade dos lugares e das pessoas. Um tempo de outrora e de hoje, sempre.

Baptista-Bastos
NO INTERIOR DA TUA AUSÊNCIA
Ed. ASA / Porto, 2002